



O ENSINO DE GEOPOLÍTICA ATRAVÉS DA PRODUÇÃO TEXTUAL E DO JOGO WAR:

Práticas docentes do Pibid Geografia (UFRN)

¹Licenciatura em Geografia (UFRN).

²Doutor em Geografia (UFRN).

³Licenciatura em Geografia (UFRN).

⁴Licenciatura em Geografia (UFRN).

Breno de Assis Silva Araújo¹
Edu Silvestre de Albuquerque²
Moisés Jerônimo da Silva³
Allan Fernandes⁴

RESUMO

O presente relato tem por objetivo apresentar a experiência realizada pelos bolsistas do PIBID Geografia Natal da UFRN com alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Mascarenhas Homem. Sabe-se que o PIBID tem por objetivo oportunizar ao licenciando uma experiência inicial na sala de aula e, ao mesmo tempo, proporcionar aos alunos do Ensino Básico, sobretudo da rede pública, atividades mais dinâmicas que fujam da monotonia imposta pelo modelo de ensino tradicional. Assim, foram desenvolvidas atividades lúdicas facilitadoras da apreensão do conteúdo de geopolítica e blocos de poder ministrado em aula. As atividades desenvolvidas em sala de aula foram em torno do jogo de tabuleiro WAR, adaptado ao conteúdo a ser ministrado. Considerando que parte das atenções dos alunos estava voltada ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), também propomos a realização de uma produção textual por parte dos alunos. Nesse texto, discutimos os resultados alcançados nessas duas atividades experimentais que configuram aprendizados para a prática de novas atividades pedagógicas no ensino de geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Geografia Política; Geopolítica.

LA ENSEÑANZA DE GEOPOLITICA A TRAVÉS DE LA PRODUCCIÓN TEXTUAL Y LO JUEGO WAR: prácticas de enseñanza de la Geografía del Pibid (UFRN)

RESUMEN

El presente informe pretende presentar una experiencia del PIBID Geografía Natal-RN de la UFRN con estudiantes del tercer año de secundaria Escuela Estatal Mascarenhas Homem. Se sabe que el PIBID pretende crear oportunidades para la experiencia inicial del académico en el aula y, al mismo tiempo, proporcionar a los estudiantes con educación básica, especialmente de la red pública, las actividades más dinámicas que la monotonía impuesta por la plantilla lección tradicional. Así, las actividades se desarrollaron para facilitar la aprehensión de los contenidos de la geopolítica y los bloques de poder impartidos en clase. Las actividades desarrolladas en el aula han sido alrededor de la juego WAR, adaptada a los contenidos a ser enseñados. Considerando que parte de la atención de los estudiantes estaba orientada al Examen Nacional de la Enseñaza Média (ENEM), también proponemos una producción textual por parte de los estudiantes. En este texto, hablamos de los resultados obtenidos en estas de las actividades experimentales que establecen aprendizajes para practicar nuevas actividades pedagógicas en la enseñanza de geografía.

Palabras clave: Enseñanza de geografía; Geografía política; Geopolítica.

TEACHING GEOPOLITICS THROUGH THE TEXTUAL PRODUCTION AND WAR GAMING: teaching practices of the Pibid Geography (UFRN)

ABSTRACT

The present report aims to present the experience held by the PIBID of Natal-RN Geography UFRN with students of the third year of high school State school Mascarenhas. It is known that the PIBID aims create opportunities to experience initial licensing in the classroom and, at the same time, provide to students gives Basic education, especially the public network, more dynamic activities that run the monotony imposed by the template traditional teaching. Thus, activities were developed to facilitate the apprehension of the content of geopolitics and power packs taught in class. The activities developed in the classroom have been around the game WAR, adapted to the content to be taught. Considering that part of the students attention was focused on the National High School Examination (ENEM), also we propose a textual production by the students. In this text, we discussed the results achieved in these two experimental activities that configure learnings to practice new pedagogical activities in teaching geography.

Keywords: Teaching Geography; Political Geography; Geopolitics.

1. INTRODUÇÃO

A realidade vivenciada pelos estudantes das escolas públicas brasileiras é variada. Do ponto de vista social, cultural (organizacional), espacial etc. Dentre os problemas em sala de aula levantados pelos docentes aparecem em destaque o desinteresse e a indisciplina por parte dos alunos. Contudo, esse desinteresse parece se acentuar quando os conteúdos e processos educativos não fazem parte do contexto cultural do aluno, ou mais categoricamente, quando não trazem um componente de sociabilidade na atividade escolar desenvolvida. Nessas circunstâncias, determinados conteúdos podem parecer mais áridos que outros, como usualmente os temas ligados à Geopolítica Mundial, tais como: integração regional entre países, políticas de defesa, diplomacia e conflitos internacionais, dentre outros. Nossa problemática de pesquisa é justamente encontrar técnicas de ensino que possam dar suporte ao professor de Geografia do Ensino Médio para ministrar conteúdos geopolíticos, sobretudo numa escala geográfica que remete a uma realidade geralmente distante e aparentemente desconexa da vida dos estudantes.

Muitos docentes, na tentativa de superar essa dificuldade têm experimentado outras metodologias de ensino como o uso de recursos audiovisuais, matérias jornalísticas etc., mas ainda assim a atenção obtida dos alunos parece não ser maior que quando do uso dos enfadonhos livros didáticos. A única vantagem dessa estratégia parece ser mesmo a possibilidade de ministrar um conteúdo mais atualizado e a utilização de recursos pedagógicos diferenciados. Buscando desconstruir esse modelo monótono de aula fundado em monólogos e em livros desatualizados e muitas vezes encerrados em linguagens herméticas, as estratégias desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) têm por objetivo tornar as aulas no Ensino Básico mais dinâmicas ao propiciar aos alunos atividades diversificadas de ensino e mais ligadas a seu espaço de sociabilidade. Assim, especificamente para o caso tratado neste texto, a proposta de intervenção do PIBID ocorreu por meio do desenvolvimento e aplicação de um jogo de tabuleiro baseado no clássico e popular WAR, transformado numa ferramenta de apoio a metodologia de ensino de Geopolítica¹.

¹ Entendemos que é por meio das experiências que podemos refletir nossa aprendizagem durante a construção do conhecimento. A respeito disto, Nóvoa (2003, p. 5) nos faz refletir quanto às experiências vividas no espaço escolar quando diz que: “É evidente que a Universidade tem um papel importante a desempenhar na formação de professores. Por razões de prestígio, de sustentação científica, de produção cultural. Mas a bagagem essencial de um professor adquire-se na escola, através da experiência e da reflexão sobre a experiência. Esta reflexão não surge do nada, por uma espécie de geração espontânea. Tem regras e métodos próprios.”

Essa estratégia de ensino demonstrou ser capaz de desenvolver a sociabilidade entre os alunos diante da temática das relações internacionais de poder, pois “a atitude crítica no estudo é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade, da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vá alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais ludicamente” (FREIRE, 1982, p. 2).

Entretanto, o problema do analfabetismo funcional tem ganhado uma atenção especial dos programas de formação de professores em geral e do PIBID em particular nos últimos anos, de modo que decidimos incorporar à experiência de ensino a elaboração de uma redação no molde dissertativo-argumentativo, que nos proporcionou avaliar o entendimento individual de cada estudante referente à organização dos blocos regionais de poder e os interesses político-econômicos envolvidos.

Na construção deste relato de experiências apontamos inicialmente a contribuição de geopolíticos clássicos como F. Ratzel, H. Mackinder e K. Haushofer com o intuito de compreender as relações internacionais de poder, buscando filtrar aqueles argumentos que permitam conceber a formação dos blocos de integração regional não apenas pelo viés do determinismo econômico e geográfico, mas acima de tudo como um projeto de poder político.

Posteriormente, discorreremos sobre as atividades e metodologias que empregamos em sala de aula, seguido dos resultados obtidos com as experiências realizadas. Ao fim, exporemos breves considerações acerca das inovações didático-pedagógicas materializadas pela produção textual e na aplicação de jogos enquanto exercícios pedagógicos.

2. UMA GEOPOLÍTICA DOS GRANDES ESPAÇOS

A Geopolítica é um campo de estudo localizado entre a Geopolítica, as Ciências Sociais e as Relações Internacionais, responsável por analisar a estrutura do sistema internacional de um ponto de vista geográfico, bem como as políticas de Estado voltadas a seu território e que repercutem em sua soberania, poder econômico (hard power) e defesa de suas fronteiras². Sua natureza acadêmica advém do estudo da:

(...) influência dos fatores geográfico (território, população, recursos naturais, infraestruturas diversas e estruturas econômicas) na política do Estado e que afetam a dinâmica do sistema internacional. Em outras palavras, a geopolítica analisa os condicionantes geográficos presentes na história dos povos e de seus Estados, principalmente com o objetivo de orientar suas ações no futuro. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 26).

No entanto, foi o alemão Friedrich Ratzel quem, de fato, embasou o desenvolvi-

² Diz Kjellén (1917, p. 45), na obra *O Estado como forma de vida*, que a “Geopolítica é o estudo do Estado como organismo geográfico, isto é, como fenômeno localizado em certo espaço da terra, logo do Estado como país, como território, como região, ou mais caracteristicamente, como Reich”. O termo alemão Reich, traduzido ao português, refere-se a terra ocupada de um país, terra política por excelência, o domínio até onde se exerce a autoridade do governo central. Reich vem do verbo reichen, que seria chegar até a, estender-se.

mento inicial da Geopolítica com suas obras *Politische Geographie* (1893) e *Anthropogeographie* (1882), tecendo formulações sobre o ‘crescimento dos espaços’ (ou leis de crescimento espacial dos Estados).

Halford Mackinder, geógrafo e diplomata inglês, aparece depois como o maior nome da Geopolítica aplicada aos Grandes Espaços Mundiais. Em *O pivot geográfico da História* (1904), o autor traça um panorama geral da história universal através de uma leitura geográfica. Ele sustentou que os acontecimentos decisivos da história universal ocorreram a partir da área nuclear da Eurásia (junção entre Europa e Ásia), propondo um novo conceito geopolítico, a área pivô, cuja designação foi alterada posteriormente para Heartland³. Essa área corresponde à região das imensas planícies asiáticas que, devido a sua imensidão e proteção natural (cercadas de gelo e montanhas), são praticamente inacessíveis ao poder marítimo (ROCHA e ALBUQUERQUE, 2014). Mackinder defendia ainda a ideia de que o país que dominasse em especial a Europa Oriental dominaria toda a Eurásia e, conseqüentemente, o restante do mundo na medida em que forma a maior parte das terras emersas do globo.

³ Dessa forma, “agora o heartland era menor que a “área pivô”, passando de 23 para 13 milhões de km², operação possível diante da definição histórica do eixo Berlim-Moscou como principal ameaça geopolítica” à hegemonia marítima britânica durante o século XIX. (ALBUQUERQUE; ROCHA; SILVA, 2014, p. 88).

Nas primeiras décadas do século XX, especialmente no pré-Segunda Guerra, o alemão Karl Haushofer desenvolveu sua tese das ‘Pan-Regiões’, que consistia na divisão do mundo em quatro grandes regiões estratégicas: a Euro-África; a Pan-Rússia; a área de co-prosperidade da Grande Ásia e a Pan-América. Se Hitler tivesse seguido essa teoria de projeção longitudinal dos interesses alemães durante o conflito mundial talvez tivesse evitado um confronto direto com a União Soviética, destarte, impedido a divisão de suas forças para cobrir a frente Leste. Para Haushofer, a Geopolítica se dedicava ao “estudo da distribuição dos países e potências na superfície terrestre e seu condicionamento à forma e situação, clima e revestimento vegetal”. (HAUSHOFER, 1928, p. 18 apud BACKHAUSER, 1952, p. 62).

Com o fim da Segunda Grande Guerra e a vitória do bloco dos aliados, os países europeus foram reconstruídos segundo uma nova lógica: a de uma economia liberal estável. Neste processo, além da reedificação econômica, havia a necessidade de evitar que os atritos que provocaram a guerra se repetissem. Ademais, os países europeus se viam extremamente ameaçados pela influência da economia norte-americana que mais rapidamente crescia no cenário comercial internacional, configurando, assim, uma nova escala geográfica para os mercados industriais. Em face disto, o núcleo europeu adota o modelo de integração entre Estados como forma de recuperar o dinamismo comercial do continente e fazer frente à nova escala de concorrência exigida pelo modo de produção capitalista moderno.

De acordo com os princípios econômicos neoclássicos, todas as nações podem sair ganhando nas integrações regionais em termos de crescimento econômico, entretanto é evidente que os ganhos políticos envolvidos são elevadamente concentrados. Como já observava Mackinder, quem dominasse a Europa (mais precisamente a parte Oriental) dominaria o mundo. Assim, a partir do processo de consolidação da Europa enquanto bloco regional, o fenômeno do fortalecimento econômico da Alemanha tem preocupado tanto seus vizinhos do bloco quanto as demais potências europeias.

O avanço da UE em direção ao Leste Europeu (Europa Oriental) significa a materialização do temor de fortalecimento geopolítico da Alemanha. Os treze países inseridos na UE, a partir do ano de 2004, têm ampliado o poder econômico e político alemão, e assustado tanto a Rússia, que teme que a UE venha acompanhada do avanço da OTAN, quanto a Inglaterra, que decidiu recentemente deixar o bloco⁴.

⁴ Ver: <http://www.fronteiras.com/ativemanager/uploads/arquivos/imprensa/ecd3a81952bce071a-2b1310c1522ccf5.pdf>

A Geopolítica seria, então, o campo de estudo responsável por analisar, dentre vários âmbitos, a estrutura internacional de poder e a atuação dos Estados-nações através de suas políticas de defesa, de fronteiras, de comércio exterior, etc. Enfim, a Geopolítica é a ciência dos estadistas, aqueles intelectuais orgânicos ligados ao poder do Estado, e que buscam realizar o melhor possível seus respectivos interesses nacionais.

3. A PRODUÇÃO TEXTUAL COMO METODOLOGIA DE ENSINO

Quando o ensino envolve temas de relações internacionais atuais, os livros didáticos se mostram rapidamente desatualizados. Com as aulas expositivas dialogadas, constituídas pela utilização de muitas imagens e pouco texto, tínhamos o objetivo de possibilitar aos alunos a assimilação dos diversos interesses dos atores internacionais envolvidos num processo de integração regional. Para isso, toda uma contextualização acerca de determinados temas da Geopolítica mundial foi realizada para uma turma do 3º ano do Ensino Médio. Após uma série de explicações e exercícios introdutórios baseados nas questões do ENEM, desenvolvemos uma atividade nos moldes de uma redação, por meio da produção textual individual de cada aluno.

Analisando as produções textuais dos alunos, ficou evidente a tentativa de alguns discentes de encontrar “mocinhos” e “vilões” nos cenários geopolíticos apresentados, provavelmente por acreditarem que dessa forma ficaria mais fácil dar sentido ao intrincado enredo da geopolítica internacional. Essa forma de interpretar o conteúdo gerou, por diversas vezes, uma insatisfação com o material trabalhado, que apresentava um olhar mais imparcial, analítico e crítico. Muitos alunos, por exemplo, optaram por atribuir o papel de “vilão” aos Estados Unidos em várias das situações apresentadas. Algumas produções se destacaram seja por um breve domínio do conteúdo ou por um total distanciamento daquilo que foi anteriormente exposto e trabalhado em sala de aula. Apesar de alguns discentes se recusarem a colaborar na atividade, no geral a participação da turma foi satisfatória e boa parte dos objetivos propostos por nós – entre eles a percepção crítica acerca das integrações regionais – foram atingidos.

A execução de técnicas pedagógicas diferenciadas pode ocorrer mesmo dentro do campo do ensino tradicional. Percebemos que a variação de técnicas no processo de ensino é melhor aceita pelos alunos, proporcionando um maior envolvimento e participação. Isso porque os docentes que trabalham diariamente com a turma já encontram outras dificuldades motivacionais decorrentes da precariedade da infraestrutura das escolas, da dupla jornada de trabalho, da remuneração insuficiente etc.

Nesse sentido, a produção textual também é importante momento no processo de aprendizagem do aluno, caracterizado pela possibilidade de expressão através do uso da linguagem escrita, onde este deixa de ser um simples leitor, para atuar também como autor, como produtor de um texto. É neste momento que o indivíduo tem liberdade de criar, usar da imaginação e expressar sua percepção do conteúdo proposto pelo professor. A produção de texto deve ser um momento de entusiasmo para os alunos, ao mesmo tempo em que oportuniza ao professor analisar como o aluno interpreta, escreve e organiza as ideias.

Na atividade escrita individual visamos proporcionar a maior autonomia possível aos alunos, apenas determinando que o título e o desenvolvimento da produção textual passassem pela temática dos blocos econômicos. Foi perceptível que aqueles alunos que se mostravam mais interessados nas aulas conseguiram construir uma melhor estrutura textual, ao passo que determinados alunos que já apresentavam um baixo interesse ou falta de atenção durante as aulas obtiveram um desempenho abaixo do esperado.

Entretanto, por mais que a produção textual incite o discente a pensar, escrever e elaborar suas próprias ideias - e conceba uma certa autonomia acadêmica -, ela se apresenta insuficiente face aos novos paradigmas da educação. Neste sentido, cremos que a aplicação de metodologias de ensino socializadoras podem acarretar em melhores resultados em termos motivacionais. Acerca disso, Grassi afirma que:

A utilização dos jogos e brincadeiras na educação, no trabalho pedagógico e psicopedagógico com sujeitos que apresentam ou não dificuldades de aprendizagem apresenta-se como uma alternativa interessante, pois pode despertar o interesse e o

desejo de aprender e, ao mesmo tempo, pode possibilitar o desenvolvimento de estruturas de pensamento mais elaboradas, a apropriação e a construção de conhecimentos, enfim a aprendizagem. (GRASSI, 2008, p. 103).

4. O ENSINO DE GEOPOLÍTICA ATRAVÉS DO WAR

No que tange ao ensino específico da Geopolítica, as ações visando o aspecto lúdico aparentam ter uma maior eficiência que as aulas expositivas. Por isso, dedicaremos este tópico a discutir uma proposta de intervenção em sala de aula através do jogo de tabuleiro WAR, vislumbrando uma prática pedagógica vinculada ao ensino de Geografia através dos jogos de estratégia: “Ao jogar, uma criança dá muitas informações e comunica, através da ação, sua forma de pensar, desde que o observador reconheça nas ações ou nos procedimentos os indícios que está buscando para realizar sua avaliação.” (MACEDO; PETTY; PASSOS, 2007, p. 7).

Esta ferramenta lúdica de ensino permite ao docente oferecer aos alunos a compreensão de várias noções geopolíticas como território, fronteiras, blocos e relações de poder e geoestratégias. Podendo ser jogado com no mínimo três e no máximo seis participantes, o WAR consiste em um jogo de tabuleiro com um mapa-múndi dividido em seis regiões (continentes), por sua vez subdivididas em territórios. Ao lado da sorte, o jogo exige noções de estratégia se o participante deseja alcançar os objetivos propostos de conquistas territoriais.

O participante atua como estrategista ao definir a localização de suas tropas e das linhas de frente e de defesa conforme as finalidades estabelecidas. Com objetivos já delimitados no início do jogo, os participantes partem para cumpri-los a partir de uma estratégia pré-definida. As batalhas são vencidas pelas táticas e pela sorte dos dados, e é aí que entra a nossa primeira proposta de adaptação ao ensino. Os dados servem para definir no duelo entre os exércitos dos participantes quem irá levar a vitória, a partir da comparação entre o maior número lançado por cada um e o número de exércitos com que foi realizado o ataque. Em nossa proposta, o lançamento destes dados e o conseqüente ataque estariam condicionados à resposta correta de uma pergunta feita ao participante no início da sua vez. As perguntas estariam vinculadas as aulas sobre a Geopolítica.

Nessa atividade, o momento da avaliação pode acontecer inclusive durante o transcorrer do jogo War. Por exemplo, se um dos objetivos do jogo é conquistar a Europa, é possível resgatar o conteúdo visto em aula sobre Mackinder e a teoria do Heartland, que defendia que quem detivesse o domínio da Europa Oriental teria o domínio do mundo.

Outro momento de grande importância no jogo é quando se aplica a teoria das Pan-Regiões de Karl Haushofer, com seus quatro grandes espaços mundiais estratégicos. Esses espaços ou zonas de influência propiciariam uma localização planejada que facilitaria o controle da superfície terrestre pela potência diretora. No jogo, um dos objetivos é a conquista de vinte e quatro territórios diferenciados no mapa. Novamente, cabe mais uma vez a avaliação se aquilo que foi explanado em aula está sendo posto em prática na atividade, verificando quais regiões o participante está tentando dominar e, ao término, propor uma reflexão acerca das escolhas feitas por ele.

Em relação aos estudos sobre integração regional, o WAR também pode auxiliar na concepção da arquitetura (geo)política ou geográfica dos blocos de Estados, avançando para além da natureza apenas comercial dos mesmos. Para os blocos econômicos, assim como nos grandes espaços estratégicos mundiais, o fator da contigüidade territorial e a proximidade geográfica são preponderantes.

Assim, os participantes devem em cada etapa do jogo relacionar seus movimentos com a realidade das relações internacionais discutida em sala de aula, identificando os princípios e atores geopolíticos envolvidos. Com estas pequenas alterações foi possível utilizar o WAR como uma metodologia de ensino aplicada à Geopolítica. Faz-se relevante lembrar que a execução deste jogo deve ser o ápice de uma série de aulas anteriormente expostas, haja vista que as questões sobre o assunto que decidirão o lançamento ou não dos dados depende das respostas corretas proferidas; além disso, o professor deve reforçar, antes do início da atividade, que a avaliação também pode ocorrer durante o jogo, a partir da aceção e aplicabilidade do conteúdo visto. Em suma, o WAR pode ser utilizado como mais uma ferramenta de ensino de Geopolítica, isto é, como elemento auxiliar na fixação do conteúdo e no desenvolvimento de outras habilidades e competências exigidas dos alunos⁵.

⁵ Para uma leitura geral das regras, objetivos e jogabilidade do WAR acessar: <http://geografiaestrategica.blogspot.com.br/p/war-o-jogo.html>

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independentemente do método e instrumentos que se escolha para o desenvolvimento de aprendizagem educacional, é importante lembrar que dentre as principais finalidades da educação está o desenvolvimento pelos alunos de habilidades e competências ligadas ao sentido de espacialização dos fenômenos.

A Geografia, especialmente no ensino básico, é desenvolvida pelos professores da área ainda de modo extremamente descritivo, por isso a importância de atividades lúdicas e adaptadas ao ensino. Neste sentido, a aplicação de jogos de cunho didático apresenta-se como alternativa importante para auxiliar neste processo de aprendizagem individual do educando.

Enquanto não tivermos à disposição em sala de aula as ferramentas de Tecnologia da Informação necessárias, como telas interativas e jogos adaptados especialmente para a realidade escolar de cada série, cabe aos professores buscarem alternativas executáveis dentro da realidade do ensino público básico. Nesse propósito, o PIBID mostra-se como uma experiência enriquecedora em nossa formação de professores, onde pudemos adaptar o jogo WAR como importante ferramenta metodológica no ensino de Geopolítica, aliando, destarte, o lúdico ao conteúdo escolar.

Como pontos positivos da experiência, observamos um maior interesse e envolvimento dos alunos com as temáticas de Geopolítica, algo difícil de se obter com o ensino tradicional considerando que a escala-mundo não costuma atrair tanto a atenção dos alunos por parecer uma geografia distante da realidade vivida pelos mesmos. O calor da disputa oferecido pelo jogo de tabuleiro WAR auxiliou na compreensão das disputas e conflitos que caracterizam as relações internacionais, permitindo uma reflexão de cada estudante-participante acerca dos custos e benefícios de cada ação seja no tabuleiro ou no mundo real.

Quanto à produção textual, embora não tenha gerado o mesmo interesse e envolvimento do jogo, também mostrou-se uma etapa importante no processo de ensino-aprendizagem ao permitir uma melhor articulação das ideias por parte de muitos estudantes. Talvez se a atividade de produção textual fosse aplicada ao final da participação de cada estudante no jogo WAR tivéssemos logrado resultados mais expressivos.

6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre. Uma breve história da Geopolítica. Rio de Janeiro: CENEGRI, 2011.

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre; ROCHA, Dyego Freitas; SILVA, Fabrício Kleison de Sousa. *A Geoestratégia dos Grandes Espaços Mundiais*. Acta Geográfica, p. 83-102, 2014.

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre; ROCHA, Dyego Freitas. *Revisando o conceito de Heartland na Política de Contenção Ocidental do séc. XXI*. Revista de Geopolítica, Natal, v. 5, n. 1, p. 1-14, 2014.

BACKHEUSER, Everardo. *Curso de geopolítica geral e do Brasil*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, Limitada, 1952.

CABRAL, Alex Ian Psarski. *União Económica e Monetária e Mercado Comum: Uma abordagem Internacional das Fases da Integração*. Revista do Instituto do Direito Brasileiro, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Lisboa, n. 02, 2013.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GRASSI, Tânia Mara. *Oficinas psicopedagógicas*. 2ª ed. rev. e atual. Curitiba: IBPEX, 2008.

JORGE, Helena de Araújo. *O direito de integração e os blocos económicos da União Europeia e do Mercosul*. Disponível em DHnet Direitos Humanos: http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/euro/jorge_integracao_mercosul_ue.pdf Acesso em 10 de Fevereiro de 2018.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. *Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2007.

MENEZES, Alfredo da Mota; PENNA FILHO, Pio. *Integração regional: os blocos económicos nas relações internacionais*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

NÓVOA, Antônio. *Cúmplices ou reféns*. Revista Nova Escola, v. 162, 2003, p. 4-18.

PEDROSO, Isabella. (Vitória Castilho Pimentel.). *Globalização, comércio mundial e formação de blocos económicos*. Disponível em: <http://educacao.globo.com/artigo/globalizacao-comercio-mundial-formacao-de-blocos-economicos.html> Acesso em 05 de Fevereiro de 2018.